

CONSTRUINDO IDENTIDADES DE GÊNERO RAÇA E SEXUALIDADE NO TERREIRO SÃO JORGE DA GOMEIA

Thiffany Lima da Silva

*Universidade do Estado da Bahia – UNEB
thiffany.odara@gmail.com*

Resumo

Neste relato apresento minha experiência com as linguagens de ensino dos Terreiros Candomblés, espaço de socialização de conhecimentos e de práticas pedagógicas forjadas no diálogo com a sabedoria ancestral e a realidade da comunidade, local de construção de identidades racial, sexual, de gênero e religiosa. Linguagens de ensino aqui entendidas como do conjunto de oficinas ofertado pelo terreiro São Jorge da Gomeia, são ações voltadas à afirmação de todo legado histórico e cultural afro brasileiro através de várias oficinas e cursos oferecido pelo Terreiro, valorizando a diversidade e a alteridade existentes em nossa sociedade. Exploro a partir de minha própria trajetória como mulher negra transexual candomblecista como minhas identidades foram processualmente construídas no processo de socialização com a vivência nos terreiros de candomblé, em especial, o terreiro São Jorge da Gomeia. Acreditar nas forças dos ancestrais sempre foi uma virtude, acreditar no cosmo que, em minha vida, eu denomino de axé, a energia vital, a força que sustenta cada ser na terra, sempre foi garantia sólida de existência sequestrada pelo racismo e pela heteronormatividade. Foi nesse período que compreendi quem sou a partir de semelhanças e diferenças com o outro, isso me deu autonomia para perceber que ser diferente era normal, daí pude confirmar minha identidade étnico-racial e a construção e confirmação da minha identidade sexual a partir da relação “eu e o outro”. Desta maneira, parto do meu local de fala com bastante propriedade, para apresentar como as vivências que tive dentro do terreiro se constituíram em processos formativos educacionais.

Palavras-chave: Transexualidade feminina, Transfeminismo negro, Linguagens de Ensino Sócio Educativo.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência se refere ao meu processo de valorização social dentro do Terreiro São Jorge da Gomeia, que através de suas oficinas, aqui denominadas linguagens sócio educativas, me levaram a minha construção identitária, enquanto uma mulher trans e negra, me proporcionando inserção social,

transgressão de valores e comportamentos hegemônicos, permitindo uma visão ampliada das desigualdades e discriminação social, racial, de gênero e por orientação sexual. Neste sentido a pesquisa tem por objetivo geral analisar as linguagens de ensino sócio educativas do terreiro São Jorge da Gomeia e por específicos: identificar as influências das ações do terreiro na vida profissional, pessoal e profissional; discutir a importância dos terreiros em ações sociais.

A metodologia desse trabalho é de natureza qualitativa, uma vez que disserta sobre um fenômeno social; de essência bibliográfica, pois foi realizado um levantamento bibliográfico acerca dos principais conceitos que nortearam essa pesquisa.

A justificativa para a realização dessa pesquisa surge a partir das seguintes perspectivas: no campo científico-acadêmico por acreditar que espaços como os terreiros de Candomblé precisam ganhar maior destaque no âmbito acadêmico, uma vez que desempenham atividades, principalmente voltadas para a população em seu entorno, proporcionando, muitas vezes, mudanças significativas para a valorização da identidade negra. Deve-se ressaltar que todas estas contribuições que se apresentam como caminhos norteadores de aquisição cultural para a afirmação de um grande legado cultural afro-brasileiro valorizando as identidades étnico racial e gênero, pois falar destas atividades sócio educativas não seria falar de meros cursos voltados para o desenvolvimento da área artística, mas, sim, linguagens sócio educativas, que legitimam toda construção indenitária sociocultural, uma vez que toda esta produção afirma uma ética da coexistência negro-africana na busca também da valorização da múltiplas identidades investindo em uma educação pluricultural no Brasil, por isso saliento a grande importância das oficinas do terreiro para minha construção enquanto mulher negra trans, pois a partir do momento em que fui me percebendo na sociedade, como negra e do candomblé, fui me encontrando e compreendi a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero, vi o quanto foi importante fazer as oficinas do Terreiro para que de maneira gradativa reconhecesse minhas identidades, mesmo que o aprendizado final ocorresse fora do terreiro

Compondo identidades através das linguagens sócio educativas do Terreiro.

Assumir minha descendência afro-brasileira foi tarefa bastante difícil, assumir minha sexualidade foi ainda mais difícil, pois existe um preconceito imenso em relação à transexualidade na sociedade. Desde muito cedo eu tinha certeza da minha orientação sexual, mas dentro do contexto social heteronormativo que vivemos, é difícil se estabelecer como diferente aos chamados ‘padrões normais’ de sexualidade formatados pela heteronormatividade. Segundo Miskolci:

Heteronormatividade é a ordem sexual do presente fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero. Em outras palavras, heterossexismo, heterossexualidade compulsória e

heteronormatividade são três coisas diferentes, conceitos importantes que nos auxiliam a compreender a hegemonia cultural hétero em diferentes dimensões (MISKOLCI, 2013, p. 47)

Na escola, onde minhas vivências com o preconceito eram diárias, por ter um grande número de pessoas em minha volta agredindo-me, eu vivia sufocada, recuada das pessoas, pois minha sexualidade era notada como diferente e era utilizada como objeto de discriminação pelos considerados ‘normais’. Nesse sentido, ao trazer à tona essa discussão para o âmbito educacional, cria-se a possibilidade de se refletir sobre a escola e suas exclusões. Todo esse processo vai ao encontro do que Swain e Junqueira afirmam:

Quando nos deparamos com situações onde a “diferença” estabelece o diálogo, poderíamos pensar em somar essa “nova” representação ao nosso rol, ampliando assim nossa maneira de compreender o mundo. Entretanto, como acontece em boa parte dos casos, o preconceito, a intolerância, o desrespeito e a violência, física ou moral, podem ser algumas das ações negativas para com essas diferenças (2007, apud, PRADO; RIBEIRA, 2008, p. 03)

Ou seja, minha diferença sexual não estabelecia um diálogo que pudesse me fazer ser percebida, naquele meio social, como uma pessoa ‘normal’, pois até, então, eu me considerava uma pessoa ‘anormal’ e, de modo negativo, diferente das demais. Em casa, quando resolvi ‘sair do armário’, isto é, assumir minha orientação sexual sem me preocupar com o olhar do outro, minha família ficou muito apreensiva e logo de início fui tida como maluca ou que pudesse estar sofrendo de algum tipo de influência de amigos ou amigas e, diante disso, me foi solicitado silêncio, que tudo fosse esquecido e tirado de cabeça. Na verdade, toda essa solicitação designada pela minha família só fazia me sufocar. Daí por diante os conflitos internos só faziam aumentar, as angústias eram tremendas, vivia calada e triste, pois era obrigada a assumir um padrão sexual que não era o meu, para não ser vista com maus olhos perante a sociedade, eu vivia o heterossexismo. Como afirma Borrillo:

O padrão com o qual todas as outras sexualidades devem ser comparadas e medidas. É essa qualidade normativa – e o ideal que ela encarna – que constitui uma forma específica de dominação chamada heterossexismo. Este pode ser definido como a crença na existência de uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade assume posição superior. Todas as outras formas são qualificadas, na melhor das hipóteses, como incompletas, acidentais e perversas, e na pior, como patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização. (BORRILLO, 2009, p.25)

Com isso, minha vida pessoal ficava bastante confusa e complicada, pois no seio de minha família, onde eu tento buscar apoio, fui desamparada, na escola era vista como motivo de chacota, motivos de risos e assunto para piadas, na rua também não era bem vista. Surge dentro de mim um medo imenso. Vivi alguns momentos de minha vida sem saber quem era, na verdade, não conseguia me enxergar em nada, afinal não podia falar de minha religiosidade, mais precisamente do candomblé, pois era visto como coisa do diabo, falar da minha sexualidade era coisa do outro mundo, de ‘gente anormal’, eu me sentia uma pessoa marginalizada. Então, o que seria eu na sociedade? Como afirma Silva:

Em geral, consideramos essas diferenças como produtos de uma identidade: o que não é idêntico é diferente. Porém, mais do que os conceitos dados, é preciso refletir sobre o processo de diferenciação dessas palavras. As identidades e as diferenças são produções culturais, que, em muitos casos, são utilizadas para hierarquizar e subjugar determinados grupos (SILVA, 2000, p. 80)

Seria, sim, diferente de quase todas as outras pessoas. Esse era meu pensamento, pois dentro do ambiente familiar e do escolar eu não me via, achava melhor fugir da realidade social, que me amedrontava. Eu sempre estive presente às tradições culturais e religiosas afro-brasileiras, foi algo sempre inserido em minha vida, mas assumir minha negritude através da religiosidade foi motivo suficiente para ser discriminada, pois, como afirma Silva (2005, p. 89), “É comum ainda, no nosso país, não se querer discutir as discriminações, especialmente a racial. Dizem até que falar de racismo é invenção de negro complexado, que tem vergonha da própria origem.”

Mas não tinha jeito, pois a força da resistência gritava dentro de mim, mas a falta de amadurecimento e conhecimento me enfraqueciam. Minha ancestralidade espiritual me reservava o primeiro passo para assumir minhas identidades, na verdade se transformou em minha resistência espiritual, onde o primeiro passo em direção ao meu fortalecimento foi minha iniciação espiritual com apenas 16 anos de idade. Entretanto, ao dar início a minha iniciação espiritual e ter que depois estar em convívio social foi muito penoso. Logo de início tive de sair da escola, na qual eu cursava o ensino médio, pois devido aos trajes que precisei usar, após a iniciação, sofri muita discriminação. As roupas e objetos sagrados causaram inquietações e foram bastante impactantes no dia a dia do colégio, como afirma Souza (2005, p.108) “[...] a questão da discriminação, da desvalorização dos alunos negros, muitas vezes, pode dificultar a integração destes e prejudicar seu desempenho escolar”. A partir dali eu era motivo de risos e de brincadeiras. Não aguentei tudo aquilo e resolvi sair da escola e viver afastada da sociedade, pois acreditava que já não era um espaço apropriado para mim. Isso porque, como sublinha Souza:

A sala de aula e a escola como um todo tem se caracterizado como um espaço de conflito no qual as crianças e adolescentes, negras e negros, sentem dificuldade de consolidar, positivamente, sua identidade e sua autoestima. Isto se dá, principalmente, pela costumeira vinculação do negro com situações ou coisas pejorativas, através de apelidos e comparações grosseiras e desagradáveis. (SILVA,2005, p. 112)

Neste período de minha vida, mudei de Salvador e fui morar em Lauro de Freitas, no bairro de Portão, onde minha avó, que era também uma líder espiritual, tinha casa e terreiro de candomblé. Minha ida para Lauro de Freitas ocorreu por motivos familiares, é verdade, minha avó se encontrava com saúde comprometida, mas também porque precisava me esconder, fugir da pressão e discriminação promovidas pelas pessoas do bairro onde eu nasci e me criei e da escola. Dentro do terreiro de minha avó eu passaria um bom tempo até o término do resguardo religioso. Nesse meio tempo meus ancestrais me reservaram uma

linda surpresa, ou seja, eu daria um passo grande para meu auto reconhecimento dentro da sociedade. Como estava sem estudar, pois, precisei abandonar o ensino médio por conta da iniciação, resolvi participar das oficinas educativas oferecidas pelo Terreiro São Jorge da Gomeia, logo de início fui participar da oficina de Dança. A oficina de dança oferece um mundo fabuloso de conhecimentos, de percepção sobre natureza e ser humano.

A gente aprende a dar vida ao que se faz, não é ensinado somente a dança pela dança. Passei a construir, literalmente, meu mundo dentro da dança, e passei a me perceber como sujeito. Fazer dança afro era soltar minha imaginação de criar e recriar, contar e montar um passado, presente e futuro. As oficinas desenvolvidas pelo Terreiro São Jorge da Gomeia proporcionam um conhecimento vasto, amplo, permitindo entender o porquê de se fazer as coisas, como: porque eu danço? Porque eu uso acessório afro? Porque e para quê, essas eram as perguntas norteadoras do processo de aprendizagem. Esse conhecimento foi adquirido dentro do Terreiro São Jorge, pois mesmo eu sendo iniciada na religião, mas por não ter um processo pedagógico de legitimação afro, eu não entendia o mundo a partir de uma cosmovisão negra, concepção explorada a frente. De fato, minha entrada nas oficinas oferecidas pelo Terreiro São Jorge da Gomeia me deram autonomia pessoal de me reconhecer ou de me encontrar, pois daí por diante eu já estava percorrendo caminhos de reconhecimento pessoal. Foi ainda nesse período que compreendi quem sou a partir de semelhanças e diferenças com o outro, isso me deu autonomia para perceber que ser diferente era normal, daí pude confirmar minha identidade étnico-racial e a construção e confirmação da minha identidade sexual a partir da relação “eu e o outro”, pois:

A identidade é jogo de semelhanças e diferenciação, e esse jogo linguageiro. Esse conforma um modo de ver a si mesmo como idêntico e ver o outro como diferenças, mas diferenças concebidas como tal, portanto, diferenças como reafirmação do si mesmo ou da mesmidade. (FERREIRA; MORAES, 2005, p.56)

A identidade se refere a um processo individual, mas também relacional:

Individual – Eu me vejo assim uma representação que se faz sobre si mesmo. O outro me vê assim – vemo-nos no e com o outro. Ela é então uma construção coletiva. Em verdade, o Eu Nós/outro interagem-se, dinamiza-se e consolida a identidade. Sendo assim a sua afirmação parte de uma referência e se consolida de modo coletivo, processual, dinâmico e contínuo. (SILVA, 2005, p. 87)

A partir desse processo individual e ao mesmo tempo coletivo, foi quando comecei a desenvolver, através de pequenos passos, a percepção individual do meu eu. Início, então, a afirmação de uma identidade negra que me encoraja a dizer: sou gay. A base para isso estaria na minha afirmação indentitária racial, me vendo no mundo não mais como ser esquisito e estranho e todo esse processo se desdobra dentro de minha iniciação no Terreiro São Jorge, onde a partir das oficinas pedagógicas e convívio coletivo com a comunidade do terreiro tive autonomia para encarar minha negritude, minha orientação e identidade sexuais. Por identidade sexual, isto é, a forma como orientamos nossos desejos afetivo-sexuais, adoto a seguinte definição:

Refere-se a duas questões diferenciadas: por um lado, é o modo como a pessoa se percebe em termos de orientação sexual; por outro lado, é o modo como torna pública (ou não) essa percepção de si em determinados ambientes ou situações. A identidade sexual corresponde ao posicionamento (nem sempre permanente) da pessoa como homossexual, heterossexual ou bissexual, e aos contextos em que essa orientação pode ser assumida pela pessoa e/ou reconhecida em seu entorno (BRASIL, 2009, p. 112)

No Terreiro São Jorge da Gomeia eu estava me sentindo em casa, comecei a fazer parte de diferentes oficinas, como tecelagem, confecção de adereços religiosos. Todo esse conhecimento foi me dando orgulho de ser negra através de uma perspectiva de construção da identidade na visão sócio cultural. Usar meu tradicional branco nas sextas-feiras já não era mais vergonhoso, sair na rua usando meus ojás, minhas contas de orixás também não, já havia internalizado como algo meu, de pertencimento de minhas práticas religiosas diárias e constitutiva de minhas identidades religiosa e negra. Construí minhas identidades dentro de um grupo de pertencimento étnico-racial e religioso, quando pude, então, me identificar no contexto social e cultural no qual estava inserida como pessoa. Como afirma Ana Rita Silva (2005) sobre a construção da identidade em uma visão antropológica cultural, a identidade se constrói não apenas pela relação de classe, ou seja, pelos fatores, sócios-econômicos, em que os sujeitos estão inseridos, mas através de outros aspectos, tais como étnico-racial, gênero e sexualidade. Portanto, fazer parte das oficinas do Terreiro São Jorge da Gomeia fez surgir uma paz pessoal, um sentimento de satisfação, de orgulho, com isso eu retorno ao ensino regular de educação, mas a partir de outro lugar e olhar, com pensamento diferente, onde falar de negro, falar de África e de afro brasileiro era falar de mim mesma. Aquele sentimento de reclusão, de medo de ser quem eu é na sociedade havia morrido, embora a discriminação crescesse, eu me sentia forte para lidar com o preconceito.

REFERÊNCIAS

- BORRILLO, Daniel. A homofobia e Educação. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora (Orgs). In: Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres / EdUnB, 2009.
- BRASIL. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009.
- FERREIRA, Jucineide; MORAES, Ana Luiza Coiro. A visibilidade do negro na mídia: o negro na coluna social do jornal A palavra de São Sepé. (2005) disponível em: «<http://coral.ufsm.br/sipecom/2012/anais/artigos/culturaidentidade/FERREIRA%20e%20MORAES.pdf>
- SILVA, Consuelo Dores. Negro qual seu nome?.. Belo Horizonte: Mazza, 2005.
- SILVA, Lúcia Marsal Guimarães. Pequenos Mundos Fundados o Grande Mundo na diversidade (Escola e construção da Identidade Étnica) Sementes caderno de pesquisa V6 n 08, p 69-80 Jan/Dez 2005. SILVA, Ana
- RITA SANTIAGO. Odara Obirin. Corpo e Estética na Construção de Identidade de Mulheres Negras. Sementes caderno de pesquisa V6 n 08 p83-95. Jan/Dez 2005